

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assinatura | Anno 36 n.ºs | Semest. 18 n.ºs | Trim. 9 n.ºs | N.º de entrega | 28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 967 | Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Glória, 8 |
|--|-----------------|--------------------|-----------------|-------------------|-------------------------------------|--|
| Portugal franco de porte, m. forte ... | 28\$00 | 12\$00 | 5\$00 | 5120 | 10 DE NOVEMBRO DE 1905 | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Caetano Al- |
| Possesões ultramarinas (idem) ... | 4\$00 | 2\$00 | 1\$00 | 5120 | | |
| Extrangeiro (união geral dos correios) | 2\$00 | 1\$00 | 500 | 5120 | | |

VISITA DO PRESIDENTE LOUBET A LISBOA

Chronica Occidental

ENTRE o momento em que escrevo e aquelle em que este jornal sahir a publico, talvez muito se haja de passar, que só no proximo numero poderemos archivar, talvez com tristeza, mais provavelmente com alegria.

Ainda de pé se conservavam muitos dos mastros, em que, ao lado umas das outras, haviam fluctuado, em dias de festa involvidaveis, as bandeiras das duas nações amigas, Portugal e França, quando os boatos começaram correndo d'um incidente diplomatico com a Allemanha, a que outros se juntavam da queda do ministerio. Eram estes falsos; eram fundamentados os primeiros. A' noite, as *Novidades* contavam pormenorizadamente o caso, que logo passou a ser o assumpto principal de todas as conversações.

Aonde iriamos? Como seria a questão resolvida? Rivalidades de interesses commerciaes, contou o sempre muito bem informado jornal, levaram os inglezes, negociantes na ilha da Madeira, a pôr todos os embaraços á empresa do Principe de Hohenlohen, constructora dos sanatorios para tuberculosos, a que muitas concessões foram feitas, o que na ilha não conquistou geraes sympathias. Foi a quinta do Pavão, de cujos terrenos a empresa pensava dispôr comprada por um inglez e logo os allemães recorreram ao governo para que decretasse a expropriação da quinta por utilidade publica.

A lei de 5 de julho de 1903 diz em seu artigo 5.º: «A's empresas particulares que fundarem sanatorios para tuberculosos, obrigando-



GRUPO DA FAMILIA REAL E PRESIDENTE LOUBET



O PRESIDENTE LOUBET NO BERGANTIM REAL.

se ao tratamento gratuito de doentes pobres, poderá o governo conceder as vantagens mencionadas nos artigos 2.º, 3.º e 4.º d'esta lei, precedendo parecer affirmativo do conselho da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

§ unico. Os projectos d'estes sanatorios ou das suas dependencias serão approvados pelo governo, que poderá declarar de utilidade publica e urgente a expropriação de predios necessarios á sua installação.»

O verbo empregado — *poderá* — não impõe, como se vê nenhuma obrigação ao governo, a cujo arbitrio deixa o declarar ou não de utilidade publica e urgente a expropriação dos terrenos requeridos.

Um dia d'estes, porem, foi recebida pelo governo uma nota do governo allemão, que desejava ser informado das razões por que se demorava o decreto requerido pela empresa do Principe de Hohenlohen. Foi a nota levada pelo sr. ministro da marinha ao sr. José Luciano, ainda n'esse tempo enfermo na Anadia. Respondeu o governo portuguez, mas replicou o governo allemão O aggravamento da doenca do sr. Presidente do Conselho demorou a resposta, motivo por que a Allemanha insistiu de novo, marcando o prazo em que desejava obter a resposta, o que dava a esta ultima nota o que quer que fosse d'uma apparencia de ultimatum.

O prazo marcado findava ás dez horas da noite de segunda-feira, e a resposta do governo foi entregue n'esse dia ás cinco horas da tarde.

Diziam as *Novidades* que a primeira resposta do governo portuguez constava d'uma desenvolvida exposição muito bem escripta e muito bem fundamentada e que a ultima era uma proposta conciliadora que afastará o conflicto do periodo agudo em que chegou a entrar.

Emquanto assim em nossa tranquillidade e risonhas esperanças, nos vinha o governo allemão trazer perturbações, ordenava o Imperador que Berlim se enfeitasse para receber a visita de D. Alfonso xiii de Hespanha. Já successivos telegrammas nos contaram maravilhas da recepção, aspecto da cidade grandioso, a animação das ruas, as illuminações, o sumptuoso banquete de gala. Tudo são festas; a banfeira hespanhola fluctua victoriosamente em toda Berlim.

Parece não ter grande razão de ser o telegramma que annunciou uma recepção mais fria por parte do Imperador, em vista das approximações da Hespanha com a França.

Mas nem tudo são tristezas em Portugal; bem longe d'isso. As ultimas noticias de Africa contam-nos victorias das armas portuguezas de muita importancia, justamente em pontos do grande continente onde Portugal mais precisava de estabelecer sua auctoridade. A morte do soba do Mulondo e as grandes perdas soffridas pelos inimigos, que tiveram entre mortos e feridos 650 homens fora de combate, devem ter abatido muito a audacia de cuamatas e cuanhamas de quem o soba era amigo e alliado.

Mais uma vez os nossos officiaes e soldados se distinguiram, provando que a velha raça ainda é a mesma, que o mesmo sangue ainda corre nas veias dos portuguezes. Visto que a era da paz parece ainda longe de dever chegar, quando, ainda ha tão pouco, findou a guerra horrorosa que tanto enluctou o Japão vencedor como a Russia vencida, quando ainda maiores horrores parece quererem ameaçar o mundo e fecharem o tribunal de Haya, que, entretanto, já grandes serviços prestou, bom é que o genio guerreiro não esmoreça de todo em Portugal, ainda que entre nós sejam, felizmente, em numero cada vez maior os partidarios da paz. Do mal o menos.

E, se com dór é que se pode falar de taes scenas que passaram e d'outras com que nos ameaçam, com quanta maior tristeza havemos de volver os olhos para essa Russia que uma barbara revolução encheu de sangue e de fogo! Custa a acreditar o que se passou ultimamente em diferentes regiões d'aquelle imperio e sobretudo em Odessa onde os mortos foram aos milhares. As atrocidades commettidas causam horror. Os vagabundos vasavam os olbos ás victimas, rasgavam os ventres das mulheres, cortavam crianças em bocados. Os judeus, que se refugiaram no cemiterio, ali foram muitos d'elles fusilados. Os prejuizos são avaliados em trinta milhões de rublos.

São estas as novas mais de horrorisar, mas por toda a Russia a situação é pavorosa. Ao lado dos que legitimamente combatem por um nobre ideal, o vagabundo, o criminoso, o epileptico surge, e sempre o vemos, contra ou a favor das tropas, sequioso de ainda ver correr mais sangue.

A Polonia quer a sua independencia e os combates são encarniçados nas ruas de Varsovia entre os revolucionarios e as tropas. Na Finlandia, o manifesto relativo á autonomia, foi acolhido com grandiosas ovações.

As tragedias da guerra civil nem de longe se compararam com os quadros mais repugnantes da guerra com o estrangeiro. Para estas evitar ainda ha os acordos possiveis, ainda ha os tratados. Ha considerações que evitam o rompimento de equilibrios necessarios ao mundo. Provam-o estas continuadas viagens de soberanos tratando de estreitar amizades.

Não se sabe por emquanto quando partirá El-Rei para Paris, onde lhe deve fazer o Presidente Loubet decerto amabilissima recepção. A doença do sr. José Luciano impede n'este momento que se possam fazer previsões sobre qualquer ponto de politica, e d'ahi as mais contradictorias versões sobre qualquer assumpto.

No que mais n'este momento nos importa os jornaes politicos não vêem grandes sombras no horizonte, informando que os dois governos, tanto o portuguez como o allemão, tem a melhor vontade de chegar a uma solução conciliadora.

Antes assim. Possamos mais á vontade pensar nas nossas coisas, tristes e alegres, conforme o que nos for trazendo o fatal rodar dos dias.

De alegrias e tristezas nossas havemos ainda hoje de falar, de mencional-as pelo menos, approximando as duas noticias, porque é a vida assim. Misturaremos uma lagrima na necrologia do Conde de Paço d'Arcos, e com um sorriso havemos de endereçar a Malheiro Dias as nossas felicitações.

O Conde de Paço d'Arcos foi um valente marinheiro da armada portugueza, que muitos serviços lhe prestou quando commandante do brigue *Pedro Nunes*, a cujo commando succedeu a El-Rei D. Luiz, e da canhoneira *Maria Anna* e da escuna *Napier*. Foi deputado e par, governador civil de Lisboa e ministro de Portugal no Rio de Janeiro onde deixou de si excellente memoria. Foi condecoradissimo o seu enterro.

Irmão de Pedro Correia, que tanto honrou o jornalismo em Portugal, quer no aspecto phisico, quer em certas manifestações de caracter muito sympathicas, recordava o irmão saudosamente a todos os que d'este haviam sido amigos, e muitos foram.

Mas procuremos não acabar esta chronica tristemente. Falámos de nuvens negras, de grandes desgraças, de mortos illustres. Citemos agora alguma coisa do que nos deu alegria em tão máo tempo, digamos apenas que uma excellente obra d'arte houvemos o gosto de applaudir no theatro D. Amelia, onde Malheiro Dias se esboçou com o seu *Cagliostro*, assumpto com que a *Revista do Seculo* augmentára sua fama de romancista. Estimamos muito o auctor para que os não fosse extremamente agradavel o seu triumpho, promettedor de muitos outros muito maiores.

Mas não só o theatro D. Amelia atrahiu esta semana a concorrência. A estrella de Adalina Abranches encheu o theatro de D. Maria, a *Fei-*

ticeira tem obtido um exito fóra do vulgar no theatro do Principe Real, e até, nas noites de iluminação, o Gymnasio e a Trindade encheram as suas salas. A epoca theatral annuncia-se de primeira ordem.

A Afonso Taveira, querido amigo, que chegou do Brazil, damos as boas vindas.

JOÃO DA CAMARA



Visita do Presidente Loubet a Lisboa

COMO prometemos em o numero antecedente, vamos hoje completar a resenha das festas feitas em honra do Presidente da Republica de França, que constituíram um facto de alta importancia, na historia contemporanea de Portugal.

Breves, se pode dizer, foram as horas que Mr. Loubet se demorou em Lisboa, não dando tempo ao illustre visitante de melhor apreciar as bellezas naturaes do nosso paiz, assim como visitar alguns dos nossos monumentos que o podessem interessar; contudo essas breves horas foram aproveitadas quanto possivel, para deixarem a Mr. Loubet agradaveis recordações, como, por mais de uma vez, o revelou em suas palavras.

A festa de Cascaes não foi das que menos o impressionou, e se as ovações que por toda a parte o victoriarão poderam sensibilisar seu coração, seus olhos estasiaram-se ante aquelle espectáculo, em que a natureza e a arte collaboraram para produzir tal maravilha.

As illuminações circundando a bahia e revestindo as casas, transformava estas em palacios encantados luxuriantes de luzentes pedrarias preciosas a surgirem das aguas como habitações de fadas lindas e ricas.

Barquinhos illuminados deslizavam mansamente no mar, ligeiramente increspado pela aragem, e n'elle reflectiam suas luzes fluctuantes como myriades de pyrilampos em noites de verão. Os grandes navios destacavam sobre a escuridão da noite suas formas contornadas por milhares de lampadas electricas. Pelo espaço revoavam ramalhetes de fogo de variadas cores vivas, e de lá vinham desfolhando-se parecendo rubins, esmeraldas, topazios e saphiras a abismarem-se no mar como em thesouros de joias inexaurivel.

Foi a este indisciplinavel e fantastico espectáculo que o Presidente da Republica de França assistiu e, pode dizer-se, o deslumbrou fazendo-lhe profunda impressão, que não poderá olvidar, como o manifestou em suas palavras e visivel satisfação.

Foi na bateria da Cidadella que o Presidente e sua comitiva assistiu á maravilhosa festa para que fóra convidado por El-Rei, achando-se toda a corte e mais convidados e onde se dancou até perto da meia noite, hora a que terminou o fogo e se retirou Mr. Loubet.

Ali estiveram tambem os jornalistas francezes e mais de 20000 pessoas, que os comboios continuos conduziram.

Dissemos que a natureza e arte collaboraram n'esta festa; a natureza pela favoravel disposição da bahia e pela noite serena que permittiu todo o brilho das illuminações e fogo; a arte por saber aproveitar bem as condições naturaes, dirigir e organisar com superior bom gosto os trabalhos para chegar a tão feliz resultado.

Esta honra cabe ao sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, que já ali tem dirigido as illuminações que se fazem por occasião do anniversario de Suas Magestades, e que tambem dirigiu as que houve no Tejo por occasião da visita de Eduardo VII, as quaes não podem ser esquecidas.

No dia 28,—domingo—Mr. Loubet devia deixar Lisboa, não podendo prolongar mais sua visita por ter de estar em Paris para a abertura do parlamento.

Com que saudade, disse-o elle, deixou a capital portugueza, onde fóra tão victoriado até aos ultimos instantes de sua partida, não se cansando o povo de o aclamar por todo o trajecto do cortejo d'esde o Paço de Belem até aos Paços do Concelho de Lisboa, que o Presidente da Republica visitou, antes de embarcar.

Foi imponente a recepção. O edificio desde o atrio e grandiosa escada até á sala de honra estava todo decorado em festa prediminando formosos arbustos e lindas flores coloridas e alegres, d'este jardim occidental da Europa.

Era inorme a assistencia achando-se representa-

do o corpo diplomatico, alto funcionalismo, officialidade superior do exercito e da armada, grande numero de convidados, colonia franceza etc.

Quando S. M. El-Rei D. Carlos e Mr. Loubet chegaram á Camara onde foram recebidos á entrada por S. A. o Principe Real, pelo ministerio e pelo presidente sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco e todos os vereadores com o estandarte municipal. S. M. a Rainha aguardava na sala d'honra S. M. El-Rei e o Presidente da Republica Francesa.

A orchestra de 50 professores rompeu o hymno francez e prolongadas salvas de palmas e vivas a Mr. Loubet, á França e a El-Rei acolheram os recém-chegados.

O sr. conselheiro Antonio d'Azevedo proferio uma mensagem ao Presidente agradecendo a alta distincção da sua visita, que não seria decerto mera cortezia, mas segura garantia das cordaes relações que existem entre os dois paizes, e que mais se estreitariam como penhor de paz e de felicidade.

A esta mensagem respondeu o Presidente, agradecendo todas as manifestações de sympathia e respeito de que tinha sido alvo n'esta formozza capital, de que levava as mais gratas recordações pessoais, assegurando que a França acolhia em seu coração todas estas demonstrações de affecto e de carinho do povo portuguez, terminando por repetir: «Encore une fois, merci, monsieur le president.»

Novas salvas de palmas e vivas resoaram pela sala em frenetico delirio, commovendo verdadeiramente o Presidente da Republica Francesa, e no meio d'esta calorosa ovação sahiram dos Paços do Concelho Suas Magestades e Mr. Loubet, depois de assignarem seus nomes no livro d'ouro da Camara.

Dos Paços do Concelho seguiu o cortejo para a Praça do Commercio, onde estava armado um pavilhão para os ultimos cumprimentos de despedida. Aguardavam ali a chegada de Mr. Loubet e de Suas Magestades e Altezas o Principe Real e Senhor Infante D. Afonso, o ministerio, as sr.^{as} marquesa de Fayal, D. Joanna Hintze Ribeiro, condessa de Figueiro, M.^{me} Rouvier, M.^{me} Cernay, D. Maria Domingas da Camara (Paraty), D. Luiza Mayer de Mello, e D. Carolina Pessanha Coelho, e os sr.^s marquez de Soveral, duque de Loulé, marquez d'Alvito, marquezes de Fayal, de Castello Melhor, e de Pombal, condes de Sabogosa, de S. Lourenço, de Mesquitella, de Figueiro, da Ribeira, das Alcaçovas, de Arnos e das Galveias, visconde da Asseca, D. Jor., e de Mello, D. Manoel de Menezes, D. Nuno de Sousa Coutinho (Linhares), conselheiro Hintze Ribeiro, coroneis Malaquias de Lemos, Moraes Sarmiento, Sousa Machado, Touvar de Lemos, Mr. Rouvier, Thomaz Rosa, Dr. Antonio Cabral, officiaes superiores da armada e do exercito etc., etc.

Feitos os cumprimentos, seguiram para o embarque os convidados para o almoço a bordo do *Leon Gambetta*, e por fim Mr. Loubet, dando o braço a Sua Magestade a Rainha, Sua Magestade El-Rei D. Carlos e Suas Altezas o Principe Real e Senhor Infante D. Afonso, passando todos por entre as alas, formadas pela guarda dos aspirantes de marinha, ao longo do cues das Columnas até ao embarque.

Na Praça do Commercio não cessavam as ovações calorosas ao Presidente, que já a bordo do bergantim real, ainda agradecia á multidão entusiasmada.

A 1 hora principiou o almoço a bordo do *Leon Gambetta*, servido n'um magnifico salão decorado com muito gosto e arte.

Foram cordealissimos os brindes levantados por Mr. Loubet e por El-Rei, affirmando o Presidente mais uma vez quanto ia penhorado pela brilhante e ao mesmo tempo carinhosa recepção que lhe tinha sido feita por Suas Magestades e pelo povo portuguez, e convidando a Sua Magestade El-Rei D. Carlos para ainda este anno ir a Paris, onde o desejava receber antes de terminar o seu mandato.

A's 3 horas retiraram Suas Magestades e Altezas e mais convidados. A's 4 horas o *Leon Gambetta* levantava ferro e seguia rio abaixo, cumboido até á barra por uma infinidade de vapores e outros barcos cheios de gente que continuava em delirantes ovações a Mr. Loubet, agitando no ar lenços, e saudando com os chapéus, destacando-se principalmente as saudações dirigidas do vapor em que ia a commissão da imprensa e os jornalistas francezes.

Raras vezes o Tejo tem apresentado tão lindo aspecto e terá sido testemunha de tão alegres e ruidosas manifestações de entusiasmo.

Quando o *Leon Gambetta* passava em Cascaes ansmittio o seguinte telegramma, pela telegraphia sm fios, para a Cidadella:

A S. M. D. Carlos 1.^o, Rei de Portugal, Lisboa.
Os dias que acabo de passar no vosso bello paiz
e as multiplas provas de attenção com que fui
rodeado, ficarão sempre para mim como uma
lembrança preciosissima.

Do coração exprimo a Vossa Magestade a minha
profunda gratidão pelo modo tão sympathico como
fui recebido, e peço-lhe para depor aos pes de S.
M. a Rainha as minhas respeitadas homenagens.

Desejo tambem agradecer a Lisboa e a Por-
tugal inteiro uma recepção, cuja cordialidade me
tocou vivamente.

(a) Emile Loubet

Nesse mesmo dia 20, realisou-se á noite a recita
de gala no theatro D' Amelia, offerecida aos jorna-
listas francezes.

Noite de verdadeira festa e que enthusiasmo
todos que a ella assistiram.

Principiando pelos hymnos nacionaes francez e
portuguez, tocados pela orchestra, que foram ouvi-
dos de pé e provocaram as primeiras ovações d'a-
quella noite, seguiu-se a recitação, pela actriz Lu-
cilia Simões, da poesia escripta em francez pelo
sr. Abel Botelho, dando as boas vindas aos nos-
sos confrades francezes, e que aqui transcrevemos:

BIENVENUS!

O' chers fils de la terre éblouissante et féconde,
La France, — le pivot spirituel du monde, —
Au doux pays, votre ami, soyez les bienvenus!...
Nul autre peuple mieux vous égale que nous!

Quand nous avions Comiens, la France avait Ma-
lherbe;

Et fier le deux pays de cet élan superbe,
Nous avons fait du monde, en conquérants, le tour;
Vous flambant par l'esprit, nous charmant par
l'amour.

Nos génies jumeaux, tout éivrés de gloire,
Ont rajeuni le monde et ont refait l'Histoire:
Par notre épique essor, par vos clairs brülants,
Nous, le pays des héros, vous, l'âme des élans!

Comme si quelque Loi mystérieuse et superne
Ait mis, dans les débuts de la vie moderne,
Le cerveau rayonnant dans votre peuple altier,
Le cœur batant ici, où vient pleurer la Mer...

Lors de votre départ, il s'en suivra, — je pense, —
Un immense regret á cette joie immense...
Car la France est á nous, tient nos vœux plus pro-
fonds!

C'est que nous vous rêvons...
C'est que nous vous aimons!

ABEL BOTELHO.



LUCILIA SIMÕES

Lucilia Simões foi primorosa n'esta recitação,
arrancando aos espectadores calorosos aplausos.

Seguiu-se um coro dos alumnos da Escola dos
Cegos, cantando a *Marselhesa*, que foi muito
applaudido.

Representou-se depois o *D. Cesar de Basan*,
em que Augusto Rosa tem uma das suas corous
d'artista, e que agradou extraordinariamente.

N'um dos intervallos o empresario sr. visconde
de S. Luiz de Braga, veio ao palco entregar a Mr.
Valois, representante dos jornalistas francezes,
uma mensagem de saudação, em francez, rica-
mente emoldurada.

No dia 30 realisou-se o seguinte programma
organizado pela commissão da imprensa portu-
guez para obsequiar os seus estimaveis hospedes:

Passeio em automovel, partindo da Alameda de
S. Pedro d'Alcantara ás 11 horas e 30 minutos,
para visitar: O Mosteiro dos Jeronymos, a Torre
de Belem, o Museu dos Coches Reaes, o Museu de
Artilharia, o Castello de S. Jorge, Nossa Senhora
do Monte, o Jardim Botânico da Escola Poly-
technica e o Thesouro de S. Roque.

Os nossos hospedes puderam assim admirar
mais de perto, alguns dos principaes monumentos
de Lisboa, algumas obras d'arte de subido valor,
a par das bellezas naturaes da nossa capital, nos
surprehendentes panoramas que se disfructam dos
seus pontos mais elevados.

Na Senhora do Monte foram os jornalistas re-
cebidos em casa do sr. Hygino de Mendonça que
lhes offereceu um delicado *lunch*, trocando-se
brindes entusiasticos, em que os nossos hospedes
mostraram quanto estavam penhorados pela
recepção que lhes era feita e não occultando o
seu agrado pelas bellezas da nossa capital.

A's 7 horas da noite foi o banquete no hotel de
Braganza, ultimo numero do programma das fes-
tas com que foram recebidos pela imprensa os
jornalistas estrangeiros.

A grande sala do hotel apresentava deslumbran-
te aspecto, pela profusão de luzes que illumina-
vam a *giorno* e se reflectiam nos chrystales de
sobre a mesa, lindamente decorada assim como a
casa, vendo-se por toda a parte flores e arbustos,
como em um jardim estimado.

No banquete, a que presidio o nosso collega da
Vanguarda sr. dr. Magalhães Lima, assistiram
Mr. Rouvier ministro de França, em Lisboa, con-
sul francez Mr. Bagard e Mr. Leproux, os jorna-
listas francezes mr.^s Edmond Clarisse, Louis Dausst,
Maurice Gaussergues, Louis Dossot, Scott, Bour-
don, Jean Benard, M.^{me} Servant, Rubens, Destez,
Flachon, M.^{me} Delaunay, e jornalistas hespanhoes
snr.^s La Plasa, Muñoz e Esteves.

Commissão executiva delegada das Associações
dos jornalistas e da Imprensa Portugueza, snr.^s
Reis Gomes, dr. Cunha e Costa, José Thimoteo
da Silva

Bastos, João Castro, Ferreira Mendes,
Branco Rodrigues, Luiz Galhardo, Pie-
tra Vianna, Arnaldo Fonseca, Dr. Bernar-
do Lucas, representando a Associa-
ção dos Jornalistas e Homens de Letras
do Porto, Jorge Collaço, J. Benoliel, Dr.
Queiroz Ribeiro, Dr. Augusto de Vas-
concellos, Santos Tavares, Carlos Go-
mes Fernandes etc., etc.

Durante o banquete uma orchestra
de professores executou lindos trechos
de musica, e o tempo passou-se na
maior animação e alegria.

Ao *toast* o Snr. Dr. Magalhães Lima,
na sua qualidade de presidente da com-
missão, tomou primeiro a palavra, e dis-
cursou com elegancia e fluencia sobre a
nossa gloriosa historia do passado, sobre
a afenidade intelectual do nosso paiz com
a França, brindando a Loubet e á im-
presa franceza como á imprensa do
mundo.

A este brinde respondeu Mr. Bour-
don, com um bello improviso, em que
fazendo justiça á nossa historia, como a
do povo que mais concorreu para a civi-
lização, levando atravez dos mares a luz
aos povos desconhecidos e patenteando
á Europa esses mundos ainda não de-
vassados, dando provas de quanto ama-
va o bem, abrindo as portas d'essas re-
giões barbaras ao mundo moderno, com
a generosidade das grandes almas, que
elle agora tinha occasião de apreciar
mais de perto, reconhecendo quanto é
digno dos maiores respeitoes e sympa-
thias este povo de paz e de bondade.

Fallaram ainda os Snr.^s Dr. Bernardo

Lucas em nome da Associação dos Jornalistas e
Homens de Letras do Porto, Consiglieri Pedroso,
Jean Benard, Richard, M.^{me} Bernard, Abel Bote-
lho, La Plasa, Dr. Queiroz Ribeiro, Jayme Victor,
Xavier de Carvalho, Jayme Arthur da Costa Pinto,
e por ultimo Mr. Charles Rouvier.

Com a *Marselhesa* tocada pela orchestra ter-
minou o banquete e com elle a serie de festas
realizadas em honra do Presidente da Republica
Franceza e dos jornalistas francezes, que nos
honraram com a sua visita.

LITERATURA RUSSA

UM SANTARRÃO

por

IWAN TURGENJEW

Tradução de M. Macedo

Haverá uns quinze annos, encetou o senhor
Ch... tive que passar uns dias na cidadezinha
de T..., por motivos de serviço. Hospedei-me
em um hotel, muito razoavel, cuja fundação era
devida a um judeu, que adquirira boa maquia,
exercendo a profissão de alfaiate.

Estou que não prosperaria por muito tempo,
circunstancia, aliás, entre nós um tanto vulgar;
eu, porém, fui encontra-o no acume do esplendor,
os moveis novinhos em folha, de noite, estaleja-
vam qual fogo de artifício, as roupas de cama,
toalhas e guardanapos rescendiam a sabonete, e
o pavimento ostentava densa camada de verniz,
expediente que, na opinião do criado, homem
guapo, supposto não compasso pelos asseio, im-
pedia a propagação da bicharia.

O dito creado, outrora aio do principe G..., dis-
tinguia-se pelos modos desembaraçados e por
uma boa dose de presunção: andava sempre de
casaca, que não fora feita para elle, usava uns
sapatos algo acalcanhados, trazia constantemente
sobrado um guardanapo, tinha a cara toda
salpicada de borbulhas, gesticulava a torto e a
direito, com aquellas manopulas muito suadas,
proferindo frases breves mas um quasi nada im-
portunas.

Dispensava-me tal qual protecção, visto como
eu, lá para elle, era dotado do condão de lhe
apreciar a cultura e a experiencia do mundo; no
que dizia respeito á sorte, tinha dado de mão,
havia muito tempo, a toda a casta de illusões.

— Esta nossa situação, observou-me elle um
bello dia, afinal, que vem a ser? Sômos como os
harenques, pendurados ao sol, a secar.

Dava pelo nome de Ardelion.

Tive que ir visitar a diversos funcionarios da ci-
dade. O mencionado Ardelion desencantou-me
uma carruagem e um cocheiro. — qual dos dois
mais pifio e mais caçado; o cocheiro, porém, vinha
enfeitado com uma librê, e a carruagem, com um
brazão de armas.

Assim que liquidei de todo as minhas visitas
officiaes, fui procurar um proprietario, conheci-
mento antigo de meu pae, estabelecido, desde
longa data, na cidade de T. Havia vinte annos que
nos não viamos, elle, neste entretempo, tomara
estado, tivera uma boa herança, ficara viuvo e
estava rico. Especulava em aguardente para ex-
portação, isto é, emprestava aos arrematantes
com grande percentagem, e com a competente
fiança... (Prever o risco é dever de fidalgo) (*)
costumava elle dizer; e dahi, o risco que elle
corria não era coisa por ahí alem. Estávamos
nós entretidos a conversar, eis que, a passos he-
sitantes, comquanto ligeiros, e como que em bi-
cos de pés, entra por ahí dentro uma menina, es-
belta, delgada, de seus dezeseis annos.

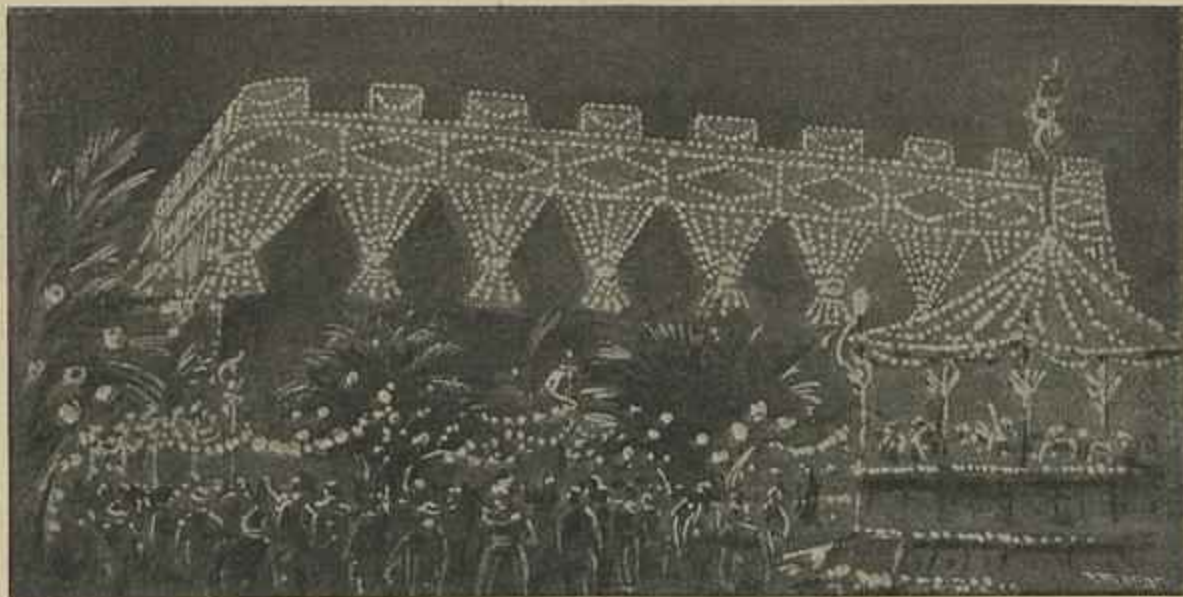
— Apresento-lhe a minha filha Sophia, a mais
velha, disse o meu amigo: supre para mim o lo-
gar da minha esposa que Deus haja. Tem a seu
cargo a administração de portas a dentro e cuida
dos irmãos.

Pela segunda vez fiz a minha mesura á recém-
vinda joven; sentara-se esta, entretanto, muito
calada, em uma cadeira, e disse commigo, que
nem por isso me parecia uma dona de casa e uma
mãe de familia demasiado idonea. Tinha um ros-
tozinho redondo, infantil, de feições agradaveis,
sem duvida, mas um tanto paradas.

Os olhos azues, por debaixo das sobrancelhas,
altas, irregulares e não menos paradas, miravam

(*) Proverbo russo

Visita do Presidente Loubet a Lisboa



UM ASPECTO DA CIDAELLA



A BATERIA DA CIDAELLA



NA BAHIA DE CASCAES, VENDO-SE O ESTORIL

AS ILLUMINAÇÕES EM CASCAES

(Desenhos do sr. J. Christino)

Visita do Presidente Loubet a Lisboa

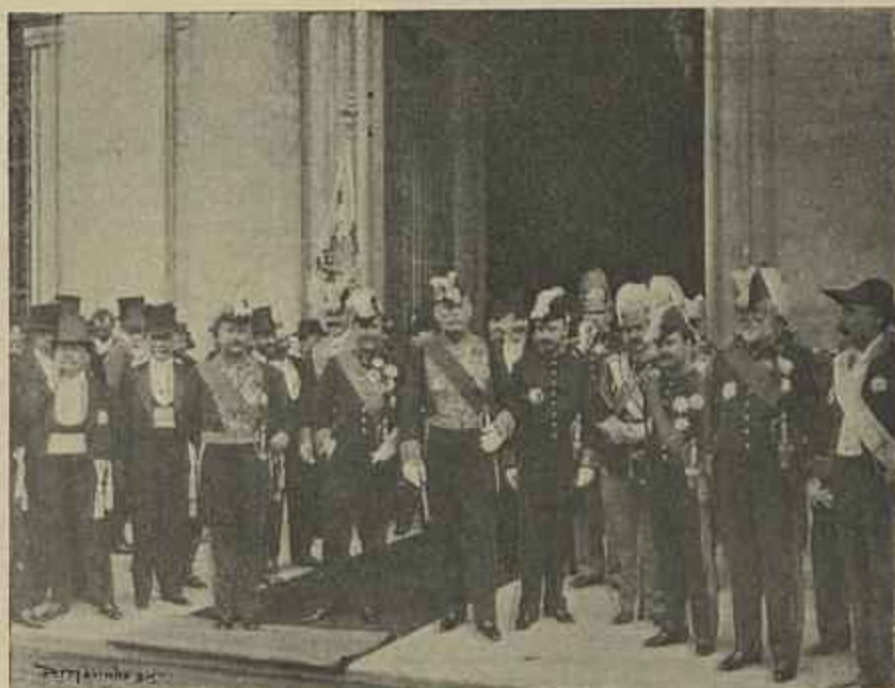


OUTRO ASPECTO DAS ILLUMINAÇÕES EM CASCAES

(Desenho do sr. J. Christino)



A ENTRADA DA VILLA

À ENTRADA DOS PAÇOS DO CONCELHO — O MINISTERIO E A CAMARA
AGUARDANDO A CHEGADA DE M^{rs}. LOUBET

com uma certa expressão entre espantada e atenta, como se observassem o que quer que fosse de inesperado.

A boquinha, pequenina e rechonchuda, com o labio superior algo protuberante, jamais se ria, parecendo, até, não poder rir. Sobre as delicadas faces, a cor rosada descrevia com o que umas longas dedadas, visíveis através da cutis, o cabelo fino, loiro, pendia-lhe em leves madeixas de um e outro lado do pequenino rosto.

Arfava-lhe sereno o peito, e os braços conservava-os hirtos, unidos á cintura de modo um tanto desastrado. O vestido azul, — conforme succede com as crianças, — caía-lhe liso e sem pregas sobre o peito do pé.

A impressão que, no conjuncto, me produziu a rapariga, não foi a de uma natureza doentia, antes a de uma natureza enigmática. Não se me afigurava ser um ente com um caracter especial, que me não era possível identificar. Ora se me revelava, ora se me retrahia; não conse-

COMISSÃO DA COLONIA FRANCEZA DE HOMENAGEM
AO PRESIDENTE LOUBET

Membros da comissão, de pé :

Mrs. : Lucien Lallemand. — Dr. Paul Pompei — André Leproux — Emile Le Fraper
Fernand Touzet — Georges Chaignau — Maurice Garrelon — Léon Lacombe

Sentados :

Mrs. : Jean Bonneville — Charles Rouvier (Ministro de França) — Max Douau

gua intendêla, e contudo, eu sentia que nunca tinha encontrado uma alma mais integra.

— Compaixão... com-
paixão, sim, — eis o que me incutia aquelle ser juvenil, tão serio, e tão ancioso. — Deus sabe o motivo! Não é deste mundo, dizia de mim para mim, comquanto a expressão daquelle semblante nada apresentasse de ideal e a menina Sofia, comparecera ali, manifestamente, com o fim unico de cumprir os seus deveres de dona de casa, nos quaes a investira o pae.

Este pegou a fallar no viver que em T. se levava, nas distincções e nos recreios que offerencia ali a sociedade.

Entre nós a vida corre placida, ponderava; o governador é de indole melancolica e o Marechal da Nobreza é solteiro. Coincide haver um grande baile, depois de amanhã, no casino da Nobreza, e aconselho-o a comparecer. Encontrará mais de uma bel-
dade e terá occasião de apreciar o nosso mundo intellectual.

O meu amphitrião em

tempos frequentára a Universidade, e expressava-se de bom grado em termos selectos. Proferia-os com uma certa ironia, porém com o maximo acatamento. E' factio geralmente estabelecido o incidirem com a especulação de empréstimos sobre os negocios da aguardente, não só principios solidos, mas ainda uma certa aspiração a cultura intellectual.

— Permitta-me que lhe pergunte, se acaso tenciona comparecer no dito baile? emiti, dirigindo-me á filha do meu amigo. Estava desejoso de lhe ouvir o som da voz.

— O papá váe, respondeu, e eu tenciono acompanhá-lo.

Era meiga a sua voz e falava um tanto devagar, escandindo as palavras, como quem não tivesse percebido.

— N'esse caso, permita-me convidá-la, para ser seu par na primeira quadrilha.

Acenou com a cabeça em signál de anuência, mas nem um sorriso, sequer.

A breve espaço despedi-me, e lembro-me, como se fôra hoje, da singular impressão que experimentei ao sentir-lhe os olhos fitos na minha pessoa, mas com fixidez tal, que eu, involuntariamente, virei-me olhando por cima do hombro, na hypothese de que estivesse observando algum ou qualquer coisa, por detrás de mim.

Quando regresssei ao hotel eram horas de jantar: sópa á lá julienne, costelêtas com ervilhas, e uma galinhola tiznada e sêca como pau. Depois, sentei-me no sofá e entreguei-me aos meus pensamentos.

Convergiam todos elles sobre aquella enigmatica filha do meu amigo.

Ardelion é que acabara de levantar a mēsa, interpretou porem a seu modo os meus devaneios. Attribuia-os ao aborrecimento.

— Quanto a isso não se pode negar, encetou com aquelles seus modos de condescendencia um tanto impertinente, ao passo que com o sujo guardanapo ia sacudindo o pó dos espaldares das cadeiras, (aquella sacudidella de pó é factio notório o ser privativo de criados muito cultos), esta nossa terra offerece poucas distracções aos senhores viajantes. Muito poucas!

Calou-se, e o grande relógio, de algarismos azues sobre o mostrador branco, dir-se-ia com o seu monotono tique-taque accentuar-lhe as palavras, repetindo-as:

— Muito pouco —! muito pouco!

Nem concertos nem theatros, proseguiu Ardalion. (tinha viajado com o patrão no estrangeiro, estivera em Paris, provavelmente, e sabia muito bem que a pronuncia *triató* é privativa dos labrêgos.)

Nem *soirées* onde se danse, nem partidas ou recepções nas residencias dos senhores da nobreza, coisa nenhuma que se pareça, finalmente.

— Fez uma breve pausa, desejando conceder-me tempo, para apreciar a finura das suas expressões.

— Esta gente, por aqui, quasi que nem se visita. Metem-se em casa, todos elles, como o móxo no seu soito. E que resulta d'ahi? Não saberem os senhores viajantes como é que hão de matar o tempo.

Ardalion mirava-me de soslaio.

— Mas dado o caso de que o senhor, aventurou, reticente... suppondo que faz gosto nisso...

Tornou a volver-me um olhar de revez, todo risonho; mas provavelmente, notou que eu não me achava em disposições favoráveis.

Dirigiu-se para a porta o civilidíssimo servo, hesitou, voltou para trás, permaneceu por momentos indeciso, debruçou-se-me ao ouvido e alegre e risonho segredou-me:

— Desejava ver as almas do outro mundo?

Olhei para elle, espantado.

— E' como lhe digo, proseguiu abaixando a voz; tēmos por cá um homem capaz disso e de muito mais.

Que elle, aqui para nos, é um homem tōsco, nem sequer sabe ler e escrever, mas faz coisas espantosas! Se o senhor, por exemplo, fór ter com elle, e lhe disser que quer ver um dos seus parentes que já lá está na terra da verdade, verá como tem artes de fazer que elle lhe appareça no mesmo instante.

— Mas como é que elle consegue...?

— Lá isso, elle é que o sabe. E olhe que, apezar de ser um homem ordinario, e de não saber ler

e escrever, em coisas de theologia não ha quem lhe dê volta! Tanto assim, que a gente do commercio, cá na cidade, tem-no em grande conta!

— E o caso é sabido por toda a gente, cá na cidade?

— Só o sabe quem o deve saber; — e os que o sabem, não se descezem, lá por causa da policia. Porque afinal, digam lá o que disserem, sempre é negocio prohibido. E se chegasse aos ouvidos da gente ordinaria, — faziam alarido — já se deixa ver; — não, que isto da gente ordinaria, é tudo uma cambada; bem sabe o senhor: fazem tudo á bruta!

— E elle, já lhe fez apparecer algum defunto? perguntei ao nosso Ardelion!

Não me atrevi a tratar de tu a um mortal de tanta cultura.

Ardelion meneou a cabeça, assentindo.

— Sim senhor; já me fez ver mais de um, até; mostrou-me o meu pae, tal como se estivesse vivo.

Mirei de fito o nosso Ardelion.

Ria brincando com o guardanapo, e aguentou deferente, mas firme, o meu olhar.

— Acho o caso interessantissimo! exclamei. Eu não poderei travar conhecimento com esse sujeito?

— Directamente, não é lá muito facil; mas por intervenção de alguém, com a ajuda da mãe, por exemplo, talvez se possa arranjar.

E' uma velhota muito capaz; costuma estar na ponte a vender maçãs de relugo. Se o senhor tem muito empenho, eu mesmo lh'o vou perguntar.

— Pois sim, faça-me esse favor.

Ardelion assoprou na mão.

— E, já se vê, o caso merece uma gratificaçãozinha — se fôr da sua vontade — não é preciso ser coisa por ahí alem — e á velha terá tambem que a contentar, e eu da minha parte tratarei de a convencer de que não tem que se arrecear do senhor, que é uma pessoa de muito respeito, e que está aqui de passagem, — pois já se deixa ver, que a coisa deve ficar em segredo, e decerto não quererá meter em trabalhos a pobre da velha.

Ardelion pegou na bandeja, e bamboando com muito garbo a sua pessoa e o sobredito accessorio sahio pela porta fóra.

— Posso então contar consigo? lhe bradei de longe.

— Pode contar commigo, já se vê, respondeu em tom de importancia. Fallarei com a velha e virei trazer-lhe a resposta, deixe estar.

(Continua.)

M. MACEDO.

A natureza e seus phenomenos

PARTE III

CALORICO

CAPITULO III

APPLICAÇÕES DO CALOR

(Continuado do n.º 966)

Os *braseiros*, hoje abandonados, teem o defeito de espalhar pela casa, os gases resultantes da combustão, sendo, por isso, insalubres.

São, como é sabido, bacias de metal, transportaveis, onde se queima o carvão.

As *chaminés* são canaes, em geral verticaes, que se abrem sobre o local da combustão. Feito o fogo na chaminé, a columna d'ar interior, pelo aquecimento dilata-se, e eleva-se, juntamente com os gases da combustão, pelo canal da chaminé, com uma força igual á differença entre o seu peso, e o de igual volume de ar frio exterior. A este movimento ascensional da columna d'ar quente, chama-se *tiragem*. A tiragem augmenta com a altura e dá origem a correntes ascendentes de ar quente, e descendentes de ar frio.

Quanto maior fôr a differença entre a temperatura interna e externa, maior será a tiragem.

Os *fogões* utilizam melhor o calor do que as chaminés, sobretudo aquellas que não possuem appparelhos de circulação do ar. Nos fogões, o ar é aquecido por contacto e irradiação, podendo-se faser circular em torno do foco por meio de tubos que multiplicam as superficies de aquecimento, o ar da caza, ou ainda o ar exterior que vae substituir aquelle que foi arrastado pelos productos da combustão.

N'um fogão bem construido, todo o ar aspirado comunica com o combustivel, sendo portanto, o consumo do ar inferior ao das chaminés teem, no entanto, o inconveniente de não deixarem vêr o fogo, e de desenvolverem um cheiro desagradá-

vel, nocivo á saúde, quando feitos de folha de ferro, ou ferro coado.

O fogão de gaz é um cylindro de ferro envolvendo a chamma. O ar aquecido, espalha-se no quarto, permanecendo ahí.

O melhor meio de aquecimento são, porém, os *caloríferos*, que permittem com um só foco, uma distribuição igual de calor, por toda a caza.

Differem das chaminés e fogões em que, estes appparelhos podem ser collocados na caza que se pretende aquecer, enquanto que os caloríferos são, em geral, collocados, em subterraneos, afim de facilitar o movimento do vehiculo do calor, o qual pode ser, o ar quente, o vapor, ou a agua quente. D'aquí, nasceram as tres especies de caloríferos os de ar quente, os de vapor e os de agua quente.

São appparelhos onde n'uma fornalha se aquece o ar ou a agua, até ficar quente ou vaporizar-se. O ar, a agua quente ou o vapor passam por uma serie de tubos dispostos convenientemente pelas diferentes cazas que se pretendem aquecer.

O systema de aquecimento pelo vapor, é o mais condemnavel, visto que alem do aquecimento ser menos brando, e muito menos economico e sujeito a accidentes.

Machinas a vapor. N'estas machinas, utiliza-se igualmente o calor para produzir o trabalho.

Equivalente mechanico de calor é a quantidade de trabalho produzido por uma caloria.

A transformação do trabalho em calor, e vice-versa, é a base da theoria dinamica do calor.

A transformação do trabalho em calor reconhece-se, percutindo uma campainha com um martello. O trabalho empregado para esse fim transformou-se em calor, o que se reconhece, collocando a mão, antes e depois da experiencia, sobre a campainha.

A transformação do trabalho em calor demonstra-se pela seguinte experiencia:

Dentro de um tubo de latão, deitamos agua, fechando esse tubo por meio de uma rolha de cortiça, dando-lhe movimento de rotação, por meio de uma manivella e duas rodas abraçadas por um cordão. Aperta-se o tubo com uma pinça. A fricção que esta exerce no tubo, desenvolve tanta quantidade de calor que o liquido vaporiza-se, projectando a rolha a uma grande distancia.

O trabalho da manivella transformou-se em calor por meio da fricção e parte d'esse calor foi empregado no trabalho da dilatação e vaporização do liquido e na projecção da rolha.

E' n'este phenomeno, que se fundam as *machinas a vapor*.

Estas dividem-se nas seguintes especies: *machinas fixas*, de *navegação*, *locomotivas* e *locomoveis*.

Machinas fixas. São todas as que se estabelecem n'um dado logar, para produzirem o effeito desejado.

O typo mais completo d'essas machinas é o de *Walt*, que passamos a descrever.

O vapor vem da caldeira pelo tubo (x), e penetra no corpo da bomba, alternadamente para a parte superior ou inferior do embolo (L), sahindo o vapor, existente do lado opposto, para a atmosphera, ou para um condensador.

A distribuição do vapor faz-se por intermedio de uma peça chamada *gaveta*, cuja disposição mais simples é a seguinte: o vapor não entra logo no corpo da bomba, mas sim, n'uma *caixa* (caixa de distribuição), na qual ha tres aberturas, uma que communica com a parte superior do corpo de bomba, outra, com a parte inferior do mesmo, e, finalmente, a ultima, com espaço intermedio (B), o qual, por seu turno, communica com a atmosphera, ou com um condensador se a machina o tiver.

E' sobre essa abertura que se move a *gaveta*.

Destapada a abertura inferior, o vapor entra por ella, para a parte inferior do embolo, obriga este a subir, e o vapor que está na parte superior, entra na *gaveta* pela abertura superior, dirigindo-se para o espaço (B), d'onde passa para a atmosphera ou condensador.

Quando o embolo sobe, desce a *gaveta*, tapa o canal inferior e o vapor dirige-se para a parte superior do embolo, escapando-se o que está por baixo, e assim successivamente.

O embolo liga-se a uma haste com movimento rectilineo alternativo e esta, a uma peça pesada (t) *balanceiro*, fixa-se na parte média e communicando, no outro extremo, com o volante (v) o qual, por meio de uma manivella, imprime movimento de rotação ao eixo-moderador de força centrifuga (u) regula a entrada do vapor na caixa. Consta de um eixo vertical que recebe da machina, movimento de rotação, na extremidade do qual se articulam duas barras que suspendem

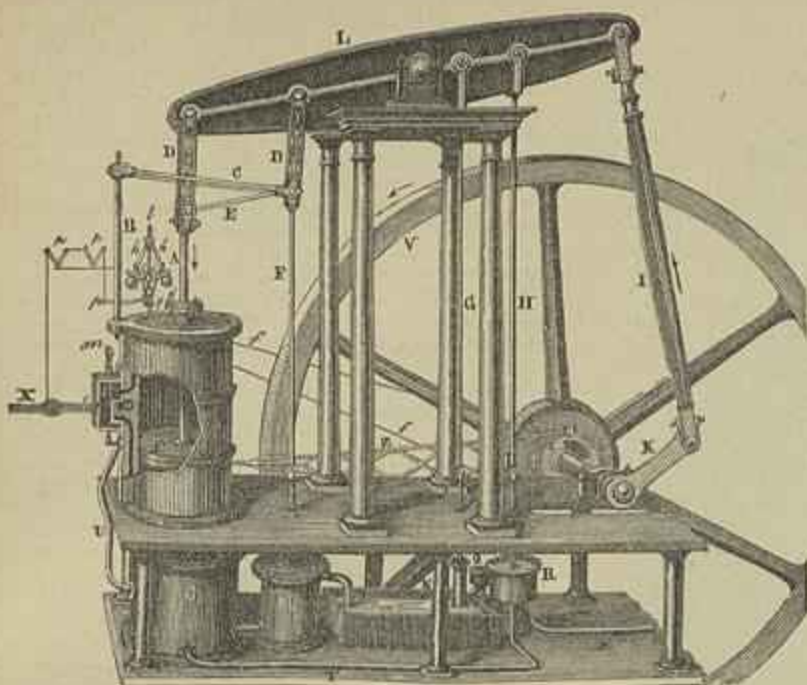


Fig. 17. — Machina de vapor Watt

duas esferas pesadas. As barras ligam-se, por meio de outras pequenas barras, a um anel móvel em torno do eixo e que, por meio de alavanca, põe em movimento a válvula de introdução do vapor. Se o movimento da machina se tornar mais acelerado, as esferas, em virtude da força centrífuga, afastam-se, elevam o anel e este fecha a válvula; se o movimento da machina se tornar mais moderado, as esferas caem, o anel desce, e a válvula abre-se. Como vimos, n'esta machina, a transmissão do movimento do embolo ao eixo principal é feita por meio de um *balanceiro*, um *tirante* e uma *manivella*.

Hoje, as machinas de *balanceiro* estão um pouco desusadas, sendo substituídas pelas machinas contendo apenas um *tirante* e a *manivella*.

Pode ainda a transmissão ser feita unicamente por meio de uma *manivella*, existindo também, algumas machinas, nas quaes o movimento de rotação se obtém directamente pela acção do vapor, sem auxílio de peça alguma.

Nas machinas de *balanceiro*, o embolo articula immediatamente com o *tirante*. Dispensando o *tirante*, isto é, articulando a haste do embolo directamente com a *manivella*, obtemos as machinas do *terceiro systema*.

As caldeiras das machinas de vapor teem, em geral, a forma cylindrica, terminadas por calotes esfericas, sendo feitas de chapas de ferro ou latão.

Inferiormente ao corpo da caldeira existem os *ebulidores* (B), que communicam com aquelle, por tubos verticaes. Os *ebulidores* são dois ou tres cylindros de menor diametro que o corpo da caldeira, e completamente cheios de agua, enquanto que o corpo da caldeira só contém um ou dois terços do liquido, da sua capacidade total.

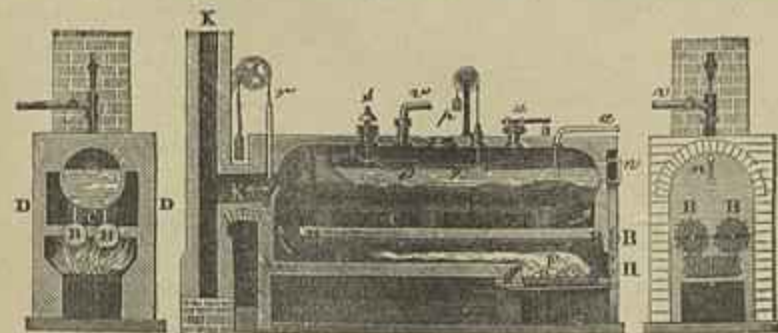


Fig. 18. — Caldeira das machinas a vapor

A chamma da fornalha (F) e os productos da combustão envolvem os *ebulidores*, e a chaminé (K) dá sahida a esses productos activando a *tiragem*.

Os accessorios da caldeira são os *fluctuadores* que indicam o nivel da agua, um *manometro*, e *valvulas de segurança* que impedem o augmento da tensão do vapor além de um certo limite. Existe ainda, na caldeira, um regulador de entrada da agua.

Machinas maritimas.
As primeiras machinas applicadas á navegação foram as de Watt, com pequenas modificações, taes como o terem dois *balanceiros*, collocados inferiormente afim de não alterar a estabilidade do navio, um de cada lado do cylindro. Os *balanceiros* recebem por um dos extremos, o movimento da haste do embolo, communicando-se esse movimento, pelo outro extremo, á manivella do eixo das rodas. N'estas machinas, não ha volante.

Nos navios de rodas, ha um eixo transversal que recebe movimento de rotação da machina, o qual sahe um pouco fóra do navio, tendo fixas, nos extremos, rodas de ferro com pás de madeira. O movimento faz-se, por debaixo de agua, da prôa á pópa, produzindo a agua uma pressão sobre as pás, da pópa á prôa (sentido da marcha do navio).

Nos navios de helice, ha uma superficie helicoidal collocada n'uma excavação á pópa, debaixo do nivel da agua que, recebendo movimento de rotação da machina, por meio de um eixo, encontra resistencia no liquido, produzindo uma pressão, que origina o andamento do navio.

Nos navios, a vapor, ha geralmente duas machinas, com diversas caldeiras ligadas entre si, de modo que a sua communicação possa ser interrompida, caso haja qualquer desarranjo n'alguuma d'ellas.

As caldeiras d'estas machinas são, em geral, tubulares. As chammassahindo da fornalha, atravessam uma serie de tubos que mergulham na agua, adquirindo-se assim uma grande superficie de aquecimento.

Locomotivas. São machinas de vapor empregadas na viação accelerada sobre uma via ferrea. E' uma machina montada sobre uma caldeira, a qual apresenta, externamente, a forma cylindrica, tendo, interiormente, dentro de agua, uma serie de tubos, nos quaes passam as chammass e productos da combustão, antes de desembocarem no canal da chaminé. O vapor gerado vem por um tubo, para a cylindros collocados na parte anterior e lateralmente ou por baixo da caldeira. As hastes dos embolos ligam-se a *manivellas*, por uma forma indirecta, fazendo mover as rodas. A entrada do vapor nos cylindros é regulada por meio de *valvulas de gaveta*. O vapor, depois de actuar nos corpos de bomba, escapa-se pela chaminé.

Atras da locomotiva, segue um carro destinado ao deposito da agua e carvão (*tender*), e a seguir os *wagons*. A este conjuncto, chama-se *comboio*.

Os caminhos de ferro constam de dois carris paralelos, collocados no solo, sobre os quaes giram as rodas das carruagens que constituem o *comboio*. Para que estas não saiam da linha, teem um rebordo para a parte de dentro da via.

A velocidade dos *comboios* diminue-se por meio de *freios* (peças de madeira premidas contra a pina das rodas).

Locomoveis. São machinas fixas, de vapor, assentes sobre carros para facilmente serem transportaveis. Teem um só corpo de bomba, além de todas as outras partes accessorias componentes de uma machina fixa, ordinaria.

O trabalho das machinas é avaliado em *cavallos*. *Cavallo-vapor* é a força capaz de elevar a um metro de altura, n'um segundo, o peso de 75 kilogrammas.

(Continua)

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro, 1905

Barometro. — Altura maxima 760^{mm},0 em 28." — " minima 746^{mm},4 em 24.

Thermometro — Maxima 28°,4 em 10.

" — Minima 10°,0 em 26.

A temperatura conservou-se alta até 10, com minimos oscillantes entre 11° e 14°, até 7. Em 8, 9, e 10, as temperaturas extremas foram respectivamente de (27°,4-16°,0) (27°,3-18°,1) e (28°,1-18°,7). Baixa notavel de temperatura desde 11, sendo a ultima maxima superior a 20°, n'este mez, em 16. Em 25, o thermometro não excedeu 14° com minima de 10°,8. Em 27 e 28 minimas fracas (10°,7-10°,9).

Ventos. — NE até 21. SE a NE, os restantes dias.

Chuva. — 68^{mm},8 em 8 dias. Em 24 30^{mm},8.

Nebulosidade média. — 5,3.

Bom tempo. — 13 dias.

Nublado. — 16 dias.

Encoberto. — 2 dias.

Trovoada. — Em 24.

Halo lunar. — Em 4, 7, 8 e 15.

Arco Iris. — Em 24.

NEGROLOGIA

CONDE DE PAÇO D'ARCOS

No dia 5 do corrente falleceu em Lisboa, na sua casa da rua de S. Cyro o sr. Carlos Eugenio Correia da Silva, primeiro visconde e primeiro conde de Paço d'Arcos, contra-almirante da marinha portugueza, de que era um dos mais distinctos e prestantes officiaes.

Tendo nascido em Lisboa em 17 de dezembro de 1834, assentou praça de aspirante de marinha em 30 de setembro de 1847 e matriculou-se na Escola Polytechnica em 1 de outubro de 1849, onde fez um curso brilhante, mercê da sua intelligencia clara e lucida.

Assim como foi um bom estudante foi tambem um bello official de marinha, cheio de serviços ao seu paiz.

Commandou o brigue *Pedro Nunes*, corvetas *Barthomeu Dias*, *Sagres*, e a canhoneira *Zaire*.

Em 1876 foi nomeado governador de Macau e em 1881 da provincia de Moçambique, passando no anno seguinte para o governo da India. Em todos estes governos provou sua capacidade administrativa, e honradez de caracter, pelo que o governo o distinguu com o titulo de visconde de Paço d'Arcos.

Foi deputado e par do reino electivo.

Em 1890 foi nomeado governador civil de Lisboa, n'uma epoca anormal, em que a cidade estava alarmada pelo *ultimatum* da Inglaterra. O Visconde de Paço d'Arcos desempenhou-se com rara habilidade d'esta espinhosa commissão, conseguindo serenar os animos, sem o emprego de violencias, merecendo os louvores do governo e da população.

Espirito finissimo e superiormente instruido e educado, o Conde de Paço d'Arcos tinha todos os predicados de um diplomata, pelo que bem lhe assentou o titulo fidalgo com que foi nobilitado. Pelos seus serviços prestados n'esta difficil commissão foi elevado a Conde.

Ao deixar o cargo de governador civil de Lisboa, foi nomeado ministro plenipotenciario de Portugal, no Brazil, elevada missão de que se desempenhou condignamente.

As boas letras não foram extranhas ao illustre official de marinha e no *Diario Illustrado*, fundado por seu irmão Pedro Correia da Silva, encontram-se escriptos seus de muito merecimento.

O Conde de Paço d'Arcos desempenhou ainda o cargo de presidente da commissão superior de guerra e fez parte do conselho superior de marinha.

Tinha sido ha pouco reformado por ter attingido o limite de idade, o que influu bastante no seu espirito activo e forte, invadindo-o uma grande melancholia.

O illustre finado possuia a Grã-Cruz de Nossa Senhora da Conceição, a Commenda de Christo, a d'Aviz e a da Torre Espada, as medalhas de prata de valor militar e de bons serviços e a de ouro de comportamento exemplar.

A sua illustre familia enviamos a expressão do nosso pezar.



Recebemos e agradecemos:

Sociedade dos Architectos Portuguezes (*Associação de Classe*), fundada em 11 de dezembro de 1902. — Anuario, MCMV — Anno 1.^o — Lisboa, Typographia do Commercio, Travessa do Sacramento ao Carmo, 3 a 7 — 1905.

Recebemos o exemplar cuja verba deixamos indicada, agradecendo a sua remessa delicada á já benemerita aggregação dos architectos nacionaes.

Este primeiro annuario, dando conta fidelissima e instructiva das occurrencias de especialidade, durante o periodo de doze mezes a que corresponde, constitue outrossim um volume de leitura interessante para toda a gente, amante de saber e de conhecer.

Ahi se acham insertos documentos de legislação, de concurso e de congresso, bem como representações e artigos biographicos de consagração á memoria de architectos, e ainda outros relativos a habitação, e a uma excursão realisada á Batalha pelos prestimosos membros da nascente sociedade.

Felicitemos a nova associação de classe, e entendemos um dever de justiça recomendar ao publico o seu Anuario.

Amor Moderno, (*Em 1 acto*), de Arthur Moinhos — Beira, MCMV.

Ao entardecer, (*Esboço de uma alma fraca*), 1906, Simão e Laboreiro.

São dois pequenos folhetos, o primeiro dos quaes, contém 16 paginas e o segundo 38 incluindo uma nota no fecho.



CONDE DE PAÇO D'ARCOS

O velho e sempre novo thema do amor constitue em ambos os folhetos a materia versada, talvez reflexo do ideal dos respectivos auctores.

Amor Moderno, revela de notavel um pae, para quem os affectos do coração devem tornar-se mudos sempre que o poder dos calculos e a razão do interesse ministrem argumentos. **Ao entardecer**, patenteia a firmeza do dever, convertendo uma mulher apaixonada em estrela salvadora d'um naufragado da vida, no proprio momento em que as suas almas teem aclarado, já tarde para o casamento, o misterio do immenso amor que as abrazava.

Simão e Laboreiro, seu auctor, pinta-nos e retrata-nos a pessoa d'um padre, n'este naufragado, que no dia seguinte ao de declarar-se á mulher dos seus sonhos, então noiva de outro, ha de subir os degraus do altar para resar a sua primeira missa.

Não falecem de merecimento litterario e de certa observação psychologica os dois folhetos alludidos.

Sociedade de Musica de Camara. — Um folheto de 8 paginas contendo os programmas dos 8 concertos realisados na epocha de 1904-1905, precedidos de uma apresentação e terminando com as *Condições para a Admissão nos Concertos*.

E' digna de todos os louvores a direcção d'esta sociedade pela iniciativa que tomou de desenvolver o gosto pela grande arte da musica, e são já importantes os resultados alcançados, como bem se provam pelos excellentes concertos que tem levado a effeito, na sala do Conservatorio de Lisboa, onde tem conseguido reunir os mais distinctos artistas e amadores.

Os programmas dos concertos teem tido sempre em vista a escolha das melhores musicas, á altura da grande arte, satisfazendo plenamente ao publico mais exigente e aos artistas mais escrupulosos.

A Sociedade de Musica de Camara vae encetar os seus concertos da epocha de 1905-1906, para o que já se acha aberta a inscripção no Salão de Pianos do sr Michel Angelo Lambertini, Praça dos Restauradores, 44, Lisboa.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 44, 1.^o (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 30 A
1.^o e 2.^o andar

L. dos Loyos, 11, 14

Grande Prix
Exposição de S. Luiz, 1904.
Dois medalhas de ouro e prata — Exp. Univ. Paris, 1900

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de linguas vivas

Ensino pratico

Professores estrangeiros

esores de S. M. El-Rei D. Afonso XIII

Professores de S. M. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. M. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

Ensino individual e em classes penses, separadas para homens e mulheres

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Medaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

Bilhetes postaes illustrados

Grande edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 32 — LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e escolha do assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição **Martins** comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quaes figuram: Família Real Portugueza e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do paiz, assumptos militares, maritimos, agricolas, tauroquaticos; theatras, vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajosas

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO
— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

SELLOS

Compram-se sellos antigos e modernos novos e usados de todas as nações, pagam-se sempre por muito maior preço que outra qualquer casa. Vende-se em pacotes todos diferentes.

| | |
|--------------------------------|-------|
| 50 colonias estrangeiras ... | 250 |
| 100 " " " " " " " " | 700 |
| 150 " " " " " " " " | 1200 |
| 200 " " " " " " " " | 2000 |
| 300 " " " " " " " " | 4000 |
| 400 " " " " " " " " | 8000 |
| 500 " " " " " " " " | 19000 |
| 200 estrangeiros diferentes .. | 300 |
| 300 " " " " " " " " | 500 |
| 500 " " " " " " " " | 1000 |
| 1000 " " " " " " " " | 4000 |
| 1200 " " " " " " " " | 7000 |
| 1500 " " " " " " " " | 10000 |

Vendem-se albums, catalogos e sellos desde 50 a 100 réis o franco, fazem-se remessas á escolha, mediante abonações ou deposito.

BARBOSA & ESTEVES

58 — Rua de Santo Antão — 60

ATELIER

PHOTO-CHIMI-GRAPHICO

P. MARINHO & C.^a

Calçada da Gloria, 5

LISBOA

N.^o Telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.

Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita

Almanach illustrado do OCCIDENTE Para 1906

Sahe brevemente a publico este interessante annuario e desde já se recebem encommendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA